

## **PROCESSO CRIATIVO, OU:**

### **COMO UIVAR PARA A LUA NUMA NOITE SEM A MENOR POSSIBILIDADE DE ESTRELAS**

**Antônio Torres<sup>1</sup>**

MATRAGA nº 11, 1º semestre de 1999

Em princípio, criar e coçar é só começar. Mas como é que se faz para começar? Se tudo depende da primeira frase, já temos uma para entrar neste tema que vem despertando muita curiosidade, principalmente para os jovens que estão se iniciando no mundo das letras. Como se o processo criativo fosse a caixinha de Pandora que cada escritor guarda dentro de si. Essa busca ao tesouro começa com outra pergunta, curta e concreta, que pode gerar respostas longas e subjetivas, pois, ao entender deste já velho escriba, não há arte mais abstrata do que a escrita. A pergunta é: "Como nasce uma história?"

Um escritor norte-americano chamado Henry Miller, hoje em desuso mas que fez muito sentido para a minha geração, definiu o processo criativo de uma forma um tanto quanto megalômana: "Deus fez o mundo em 7 dias. Depois entrou nele. Este o segredo da criação". Já o nosso Gláuber Rocha, um cineasta de vocação literária por excelência, e que tinha fama de delirante, baixou ao terreiro dos deuses afro-baianos, ao falar da gênese de seus filmes, em entrevista ao locutor que vos fala, quando do lançamento de **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, em 1964. Disse ele: "O negócio é fazer mandinga e esperar o santo descer. Aí então a gente é bem capaz de fazer um *take* de 4 minutos, na mão, entre luz e sombra, entre foco e fora do foco, balançando ou não. Será possível ir aos infernos de outra maneira?" Clarice Lispector também confessou que às vezes ficava dias e dias, com os olhos numa folha em branco, à espera de que o texto baixasse em seu teclado. Igual a qualquer um de nós, hoje, diante da telinha de um computador, até que o milagre aconteça. Ou que uma voz salvadora sopre em nossos ouvidos: "Fé em si mesmo e mãos dadas às teclas. Com sorte, você terá uma frase, um parágrafo, quem sabe uma página inteira que valha a pena".

O escritor aqui levou trinta anos para começar. Foram trinta anos lendo um livro atrás do outro, obsessivamente. Pedindo socorro a Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Drummond, João Cabral e Fernando Pessoa, Jorge Luís Borges, Gabriel Garcia Marques, James Joyce, William Faulkner e Scott Fitzgerald. Lendo até bula de remédio, para ver se achava a receita. Trinta anos cantando "O teclado não me ama, o teclado não me quer. O teclado não me chama, de Baudelaire". Trinta anos lendo rostos, ruas, becos, estradas, cidades, paisagens. E escrevendo, escrevendo, escrevendo. Para a cesta do lixo. Cheguei aos trinta com uma frase de Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, em meus ouvidos, como uma condenação: "Eu conheço mais de duas mil palavras. Mas o que isto me adianta?" Até que numa bela manhã ...

Não, era uma noite escura, feíssima, sem a menor possibilidade de estrelas. E foi em São Paulo, aquele país amigo ao sul do Brasil, onde um dia William Faulkner, depois de ter bebido uma parte considerável de seu Prêmio Nobel, acordou numa ressaca homérica, abriu a cortina do hotel, olhou a cidade, bateu na testa e disse: "*Oh, my God, Chicago again?*". Pois foi lá mesmo, na locomotiva da nação, destino de todos os baianos, que o baiano aqui, numa noite de nuvens negras, pesadas como aquela cidade, percebeu que tinha algo nas mãos, para começar, e que desta vez, quem sabe, ia ser pra valer. Estava sozinho no meu quarto de um hotel barato na Alameda Barão de Limeira. Estava só no Brasil. Estava só nas Américas. Numa noite de breu sem luar. E ouvindo Miles Davis tocando sem parar uma terna canção americana, chamada *My funny Valentine*. A canção do Dia dos Namorados. Só que Miles Davis – todos os trompetes havidos e a haver – parecia transformá-la num grito de dor, seguido por gemidos de angústia e desespero. Foi aí que me lembrei do velho Faulkner, outra vez: "É a memória, e não a dor, que faz você se lembrar de ruas selvagens e ermas." E outra vez me lembrei de Scott Fitzgerald: "Numa noite escura da alma são sempre três horas da manhã." E continuei ouvindo Miles Davis tocar *My funny Valentine*, indo e voltando para a mesma faixa do disco. Aquele trompete lancinante parecia interpretar os tormentos da minha geração: uma parte dela ouvia Jimmy Hendrix e se entupia de LSD, até ir parar debaixo dos choques elétricos nos manicômios. Outra parte gemia nos porões da ditadura. Uivando até a morte para um luar inexistente. Pronto: Miles Davis havia acabado de soprar nos meus ouvidos o título que eu buscava há 30 anos: "Um Cão Uivando para a Lua". Era só ir para o teclado e começar a história. Para encurtá-la: começou com a idéia de um conto sobre um louco batendo papo consigo mesmo. De repente o teclado andou. Agora, sim, Eu e ele parecíamos nos compreender, nos aceitar reciprocamente. E já que estávamos – finalmente! – nos tornando amigos íntimos, fui em frente. Oito meses depois eu tinha um romance nas mãos. E foi como ter tirado uma espinha da minha garganta, depois dele vieram outros, um atrás do outro. Mas nunca mais iria conseguir escrever um livro com tanta rapidez. É bom lembrar que por trás dele havia toda uma vida, marcada pela obsessiva, incessante e tantas vezes desesperadora busca de um texto. Eis aí, em rápidas pinceladas, o esboço do meu começo. Que significou uma vitória sobre muitas mortes, porque eu vivia com um terrível sentimento de morte a cada tentativa fracassada ao longo do percurso. E, no entanto, o fracasso faz parte do aprendizado, É a pilha de realimentação do seu processo, o limão que você pode transformar em limonada.

Mais de trinta anos depois do caso relatado aqui, vejo-me diante do mesmo e torturante impasse: como começar um romance. O oitavo romance. Outra vez uma tela em branco, outra vez a sensação de estar de pote vazio. Desta vez eu não iria ser socorrido por um gigante do trompete, mas por um Deus da chuva. Era Domingo e começou a chover. Cheguei à janela do meu apartamento em Copacabana, ao pé do morro, e fiquei olhando a chuva cair sobre as árvores. As folhas se eriçavam. Passarinhos cantavam. Aí me lembrei de um canário belga chamado Jacques Brel, de um verso dele que falava das pérolas de chuva vindas de um país

onde nunca chove. Isso me remeteu para a terra em que nasci, uma terra chegada a uma seca. Quando chovia, era uma festa: os homens vestiam ternos brancos e rolavam na lama, felizes da vida, loucos de alegria. Voltei para o teclado e bati a seguinte frase: "Eis-me de regresso a essa terra de filósofos e loucos, a começar pelo meu pai, que disse tudo tem um pouco". E assim nasceu um romance chamado "O Cachorro e o Lobo".

Para terminar: eu vim de longe, e já não sei mais de onde é que eu vim, como cantava Vinícius de Moraes, num afro-samba maravilhoso, que ele compôs com Baden Powell. Queimei muito as solas dos pés no chão quente para chegar a uma escola. Venho de um mundo rural, um lugar esquecido nos confins do tempo, onde se achar um livro era uma odisséia. Ainda assim um dia cheguei à palavra escrita. Foi a minha maior conquista. Portanto, nunca achei escrever um sofrimento ou um ato solitário – solidão é a do boi no campo e a dos homens nas ruas, já dizia Carlos Drummond de Andrade. Solidão é quando termino um livro. É quando todos aqueles personagens que estavam ali, durante dias, meses e anos batendo papo comigo vão embora, sem dizer adeus. Escrever é, para mim, antes de tudo, um barato. Claro que não é fácil. Mas, se fosse fácil, que graça teria?

<sup>1</sup> Escritor-visitante no Instituto de Letras da UERJ em 1999.